

27-07-2021

“Volta para tua terra”<https://tab.uol.com.br/edicao/volta-para-tua-terra/>**Angelo Bernardo M. Offen**

[Cientista Social e das Humanidades - Algarve / Portugal]

Temos atualmente em Portugal cerca de 184 mil brasileiros residentes. Este foi o recorde alcançado em 2020.

Já os estudantes brasileiros são 25 mil, também recorde, o que representa cerca de 40% de todos os alunos estrangeiros em nosso país. Ora pois que estes números não são lá pouca coisa para um país com pouco mais de 10 milhões de habitantes.

E ademais, arrisco-me a dizer que por cá está um número maior de brasileiros a estudar, estagiar, negociar, trabalhar temporariamente, passear, desfrutar temporadas e turismo prolongado, desenvolver consultorias, auxiliar-nos em planejamentos sazonais e, principalmente, surfistas.

Brasileiros surfistas em Portugal são muitos porquanto eu os conheça em demasia, inclusive aqui no Algarve.

Desafio-vos de saber quantos portugueses há no Brasil.

Se chegardes a um número aproximado dos que vos colonizaram não sabereis a quantas de milhões chegarão os descendentes dos descendentes. Brasileiros, claro, mas portugueses por razão de ser. Falar de Brasil é falar de um Portugal entranhado na genética de vossa pátria.

Deveria tornar-se orgulho de meus compatriotas, a despeito de nossas violências e ladroerias de vossas riquezas.

Entrementes, brasileiros em terras lusitanas estão sendo “convidados” a daqui se retirarem com a expressão xenofóbica “Volta para tua terra.” Nada mais vil por quem conhece um mínimo da história de Portugal e sua relação com Brasil.

Exploramos, saqueamos, violentamos e depois de muitos ajustes no processo de construção da pátria brasileira integramo-nos ao país que além-mar nos orgulha.

E agora alguns de nós estão a bradar volta para tua terra?

Ora bem sabeis que não é este o sentimento português, especialmente dos que como este que vos fala é professor de humanidades. Meus alunos brasileiros são dos mais com que estabeleço laços de amizade e de bebericagem. Nem se trata apenas de simpatia, pois os de ex-colônias africanas também o são. Trata-se, talvez, de uma frase que todo brasileiro que conheço, após alguns risos e goles, sempre proclama - sentença que sela a verdadeira amizade: “Quando fores ao Brasil irás à minha casa.” E sou agora obrigado a justificar-me porque portugueses idiotas xenofóbicos, provavelmente fascistas, salazaristas saudosos, sujam suas bocas com este volta para tua terra. Sempre respondendo a meus alunos e amigos surfistas brasileiros, como a brincar: “Pois que se voltardes, irei junto e cumprirei a promessa de me levardes à vossa casa.”

Já estive aqui a embater-me com compatriotas por conta de xenofobia e outras fobias, mas, ora pois, que xenofobia contra brasileiros é uma espécie de cuspir no prato em que se comeu. Não tolero. Claro está que não se pode culpar Portugal por todas as mazelas brasileiras, mas daí à infâmia e ao insulto há uma distância de grande enormidade.

Tenho o mesmo sentimento de respeito com angolanos, moçambicanos, cabo-verdianos, timorenses e demais, todavia brasileiros são deveras especiais para mim, pelo que tenho raízes no Brasil. Ligado por laços de sangue, afeto e surfe.

A relembrar: Gisberta - a travesti brasileira - assassinada em 2006, na cidade do Porto, cujo caso foi aqui relatado pelo Sr. Ernani Mendes e por mim mesmo, está a indicar que talvez não se tratasse de um caso exclusivo de homofobia.

Talvez já lá estivesse a xenofobia a mostrar suas garras.

Tudo está a parecer que a Pandemia recrudescceu a xenofobia portuguesa com nossos patrícios brasileiros.

Recentemente, um perfil de Instagram da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, denominado *Confissões da FEUP*, assim se manifestou “Antes, as brasileiras da FEUP eram um regalo para os olhos. Agora, são uma cambada de feministas que querem pênis português e não admitem.”

Muito além da xenofobia estão lá o insulto machista, racista e homofóbico. A confirmar o racismo, na mesma FEUP, o perfil *Apanhei Covid* esteve a mostrar uma bandeira do Brasil com brasileiros no campus da universidade representados como macacos. E estas questões não estão somente no Porto.

Em Lisboa também estão a acontecer coisas do gênero.

O Ministério Público português no último ano findo até outubro promoveu mais de 100 inquéritos de averiguação sobre tais discursos de ódio contra brasileiros.

Os brasileiros e brasileiras são aqui chamados de zucas, especialmente por estes jovens fanfarrões de miolo mole.

Mesmo antes da Pandemia estes sentimentos insultuosos já haviam ganho uma visibilidade mais descarada.

Pois que na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, em 2019, antes ainda da Pandemia, já se estava a demonstrar tais sentimentos lúgubres. Lá no pátio da FDUL certo dia amanheceu um caixote de madeira repletíssimo de pedras com uma placa sinistra em que se lia que estavam convidados a apanharem pedras no caixote, gratuitamente, desde que fossem para ser atiradas num ou numa zuca, especialmente se tivesse passado na frente no mestrado da FDUL.

É preciso assinalar que no mesmo ano, dos 5.500 estudantes da universidade, 1.200 eram brasileiros.

Há também um sentimento xenófobo mais sutil, pois tenho notícias de que brasileiros têm alguma dificuldade em alugar imóveis por aqui quando são identificados como zucas por seu sotaque típico. É evidente que nada que cheire a comportamentos fascistas deva ser generalizado para toda sociedade portuguesa. Muitos de nós temos sentimentos acolhedores e de gratidão com os brasileiros. Mesmo após o tempo mui longínquo da colonização, ainda são inúmeros os portugueses que têm parentes muito próximos no Brasil e vice-versa. Mas é sempre bom estarmos atentos pois vivemos mais de 30 anos sob o fascismo salazarista e os saudosos estão por aí espalhando seus filhotes de linhagem ideológica hereditária.

Por mim, quando ouço a expressão “volta para tua terra” faço a leitura mais escurreita, já que aqui como aí somos patrícios. Portugueses no Brasil estão em sua terra e brasileiros em Portugal, por certo claro está, também estão. ■■■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.